

As mamadeiras na história da infância

Maria Angela Barbato Carneiro

Adentrar pela história da infância não é uma tarefa fácil, porque são poucos os registros encontrados nos documentos capazes de nos mostrar como elas viviam.

A brilhante historiadora Mary Del Priore em suas interessantes obras, **História da criança no Brasil e História das crianças no Brasil, (1978/1999)** organizou um conjunto de artigos, mostrando como era a vida dos pequenos, em nosso país, desde o período colônia até os dias de hoje. Ressaltou, ainda, a questão do trabalho infantil, denunciando a ausência total de políticas públicas que contemplassem a criança em diferentes contextos, tanto na perspectiva de suas necessidades, quanto do ponto de vista de seus interesses e possibilidades.

Todavia, o primeiro estudioso a se interessar pela infância foi o francês Philippe Ariès (1981), que em suas pesquisas demonstrou que este momento de vida das crianças só começou a ser registrado nas obras de arte a partir do século XII.

De fato, pode-se observar que foram raros os registros das crianças na arte. A maioria deles ocorreu durante os séculos XV e XVI. Sobretudo na Europa, eles apresentaram os retratos dos pequenos, a princípio através de anjos, assexuados e gorduchos, posteriormente, por meio de figuras de Jesus Cristo e de Nossa Senhora menina, mostrando a grande influência religiosa sofrida pela sociedade e, especialmente, na arte. Somente, mais tarde, elas apareceram no seio de suas famílias que quase sempre pertenciam à elite.

As obras do pintor espanhol Esteban Bartolomé Murilo, séc XV, como *La Concepción* e *a Sagrada Família*, expostas respectivamente no Palácio do Escorial e no Museu do Prado, ambos na Espanha, são exemplos da influência religiosa.

Ainda na arte espanhola, por exemplo, um dos primeiros artistas a representarem as crianças leigas foi Francisco de Goya y Lucientes, com uma coleção de telas que mostraram meninos brincando com cães, subindo em árvores, enchendo bexigas, colhendo maçãs, entre outras obras interessantes.

Apesar dos registros artísticos, são poucos os objetos deixados pelos pequenos, encontrados quase sempre nos seus túmulos.

Os estudos do historiador Ariès, embora contestados em alguns aspectos foram pioneiros e demonstraram, também, que o pouco que se sabe sobre as infâncias deve-se aos brinquedos e às brincadeiras.

Outros pesquisadores contestaram o francês, mostrando que as crianças sempre existiram e que suas infâncias variaram de acordo com os contextos em que viveram. Um desses estudiosos foi o historiador americano Peter N. Stearns (2006).

Segundo ele:

É muito esparsa a evidência direta sobre a infância, nas sociedades caçadoras-coletoras. O ponto mais claro eram os constrangimentos na infância como resultado da frequente limitação dos recursos e da necessidade de se locomover em busca de comida. Entre outras coisas, era muito difícil transportar mais do que uma criança pequena por família, quando um bando reduzido deslocava-se para encontrar caça, e isso colocava limites definidos sobre a taxa de natalidade. (Stearns: 2006.p.22)

Apontou, ainda que a redução do número de crianças por casal se fazia necessária, porque cada filho causava uma sobrecarga alimentar, muito grande. Podemos imaginar essa situação mediante a foto que se segue, mostrando uma representação, de um grupo nômade.



Foto: Acervo da autora: Museu de Antropologia da Cidade do México

Muitas das sociedades caçadoras desenvolveram rituais específicos para introduzir meninos na caça e meninas no casamento.

Indícios verificados nas sociedades caçadoras e coletoras contemporâneas sugerem que as crianças não tinham relevância na vida econômica, antes da adolescência. Porém, desde os grupos mais antigos com tais características até os mais modernos essa era uma realidade vivida pelos pequenos.

No entanto, a antropologia fez uma descoberta recente sobre a vida das crianças especialmente dos bebês, na antiguidade. Em algumas civilizações, eles utilizavam mamadeiras.

Segundo uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo em 26/09/2019 a arqueóloga Julie Dunne (Reino Unido), descobriu que as crianças tomavam leite em mamadeiras de cerâmicas.

De acordo com Lopes (2019) o autor da matéria, desde 1000 a.C. na região sul da atual Alemanha as crianças já bebiam leite nas mamadeiras. Vestígios desses objetos já existiam há mais de 5000 anos, todavia foi entre 1200 a.C. e 800 a. C. que tais objetos ficaram mais comuns e muitos deles foram achados nos túmulos dos pequenos.

Segundo o artigo, a arqueóloga e seus colegas analisaram três recipientes de formato aberto, mas com bicos típicos desse tipo de objeto, todos em tumbas de crianças. As análises químicas mostraram que os restos dos conteúdos de tais vasilhas continham substâncias de origem animal, moléculas correspondentes bastante ao que se vê na gordura do leite fresco.

Não resta a menor dúvida que tal descoberta representa uma grande contribuição para a história da infância.

Referências bibliográficas

Ariès. P.. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Del Priore, M.. (org.) História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1992.

Del Priore, M.. (org.) História das crianças no Brasil. São Paulo Contexto, 1999.

Stearns, P.N.. A infância. São Paulo: Contexto, 2006.

Lopes, R.J.. *Bebês usam mamadeiras há 3000 anos, aponta estudo*. In Folha de São Paulo. B 5. 24/09/2019.